

## Relato sobre a 1ª Feira da Visibilidade Trans e Travesti na UFSCar

Iago Marichi Costa<sup>1</sup>

Graduando em Ciências Sociais/Universidade Federal de São Carlos

<http://orcid.org/0000-0002-6995-7412>

[nomemarte@gmail.com](mailto:nomemarte@gmail.com)

Fernanda Marciano<sup>2</sup>

Mestranda em Ciência Política/Universidade Federal de São Carlos

<http://orcid.org/0009-0000-1571-6333>

[fernandamarciano@estudante.ufscar.br](mailto:fernandamarciano@estudante.ufscar.br)

### Introdução

Era manhã do dia 23 de agosto de 2022 quando nos reunimos em grupo na moradia estudantil da Universidade Federal de São Carlos rumo à Praça da Bandeira para proferir memórias e nos despedirmos de N, estudante de Psicologia cujo compasso de seus 21 anos fora roubado pelas violências que cotidianamente o atravessavam. Dentre estudantes, professores, técnicos administrativos e colegas, o gramado ocupava-se de nossos corpos, enquanto que o espaço se acrescia também do denso peso imaterial das memórias, do luto, do pesar, das recordações, das palavras de ordem, dos usos da exasperação e da sua transformação em vontade de vida, mudança, potência. Clamava-se: *aos nossos mortos nem mais um minuto de silêncio, mas toda uma vida de luta*; perdemos mais um dos nossos e perguntávamos uns aos outros quantas vezes mais seria preciso acessar a morte para lograr a escuta do eco de nossas palavras.

---

1 O relato apresentado é também fruto de uma pesquisa de iniciação científica possibilitada pelo financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), com o processo 21/03932-8.

2 Educadora Social nas frentes de sociologia, relações étnico-raciais e diversidade. Ativista transvestigênera.

Apesar da subnotificação e ausência<sup>3</sup> de dados contundentes acerca do perfil sócio-demográfico da população trans e travesti brasileira, sabe-se do ainda imponente título brasileiro de nação que pune o corpo que não se quer cisgênero, normativo, branco. Há 4 anos, a Associação Nacional de Travestis e Transexuais (ANTRA) realizou a primeira publicação dos anuais Dossiês de Assassinatos acontecidos contra a população em território nacional, cujas vítimas são majoritariamente as travestis negras: quando não assassinados, os corpos são excluídos, convidados a se retirarem das escolas, do trabalho, do lar vitoriano, dos laços de afeto e da existência mesma da carne<sup>4</sup>.

Diante deste cenário, diferentes esforços têm se centrado na continuidade do desvio narrativo de saberes que vão à contramão da lógica guiada pela perda, patologização ou luto. Se dizemos continuidade é porque consideramos nestas reflexões a luta das que nos antecedem, a presença e conhecida força histórica de Xica Manicongo, Madame Satã, Eloína dos Leopardos, João W Nery, Anderson Herzer, das *gatas* que estiveram nas ruas e na Boca do Lixo paulistana, mas também as presenças locais de tantas outras e outros que, incontavelmente, em vida, permanecem abrindo caminhos. Não diferentemente, há nas ciências humanas todo um campo (articulado sobretudo nos últimos 20 anos) que nos mostra que a presença de pessoas trans e travestis nas artes, na cidade e na história não é nenhuma novidade (Leite Jr, 2021). Não pretendemos aqui realizar uma discussão teórica, tampouco resgatar a linha historiográfica da área temática, no entanto, é fundamental destacar que reside no eixo universitário a capacidade de articular potências de ocupação em diferentes territórios e imaginários, bem como a de produzir legitimidade às demandas por políticas públicas para pessoas trans e travestis.

Desse deslocamento que não pretende obliterar violências e estigmatizações, mas que procura entre elas sublinhar e dar ênfase e visibilidade à maneira como escolhemos inserir nossas enunciações, apresentamos neste texto um relato conjunto acerca da 1ª Feira da Visibilidade Trans e Travesti na UFSCar. Nele elencamos exposições, textos e demais atos acontecidos desde esta união *na, para e com* o apoio da universidade — espaço que tem nos possibilitado trocas, laços, afetos e mobilizações em torno da

---

3 Algumas tentativas em torno da finalidade de mapear questões caras à população transmasculina têm sido realizadas pelo Instituto Brasileiro de Transmasculinidades (IBRAT), contando com relatórios como *A dor e a delícia das transmasculinidades no Brasil: das invisibilidades às demandas* (2021) ou com o levantamento corrente: *Mapeamento das Violências contra Transmasculinidades Vivendo no Brasil* (2022). Já sobre a população trans\* como um todo, foi publicado pelo Centro de Estudo de Cultura Contemporânea (CEDEC) um relatório de Mapeamento das pessoas Trans no município de São Paulo em janeiro de 2021; no município de São Carlos, por sua vez, vale destacar o Mapeamento da população LGBTI+ feito pelo MAPPA, em 2021.

4 Sabe-se do elevado nível de suicídios acontecidos entre as pessoas transmasculinas, no entanto, a única pesquisa quantitativa realizada acerca desta temática foi realizada pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT (NUH/UFMG), em 2015, com um baixo número de participantes (27).

força coletiva que reiteram criações, saberes e práticas de resistência. Reconhecemos que nosso ponto de partida — tanto para as inquietas discussões cotidianas enquanto colegas de trabalho<sup>5</sup> quanto para a produção de nossas respectivas pesquisas — não é neutro, tampouco escapa do pertencimento a este lugar do recorte de gênero, a saber: ao de sermos também pertencentes à comunidade de pessoas T. Deste modo, para além do *estar-lá* e do *fazer-parte* da memória que relatamos aqui, incluímos no texto impressões e relatos de participantes e organizadores da Feira compartilhados conosco (seja a partir de conversas, seja a partir de mensagens, áudios e ligações), de modo a ampliar a operacionalização gradual da memória durante a escrita.

Salientamos, por fim, que este relato não se pretende global ou estabelece um limite sobre o que foi o acontecimento. De muitas formas contam-se as vivências, narrativas e articulações substantivas aos nossos modos de vida e organização. Se a experiência não diz somente sobre as percepções parciais relatadas, o esforço desta escrita pretende dar continuidade à corrente das mobilizações.

### **1ª Feira de Visibilidade Trans e Travesti na UFSCar**

Falamos do acontecimento produzido, organizado e protagonizado por pessoas trans e travestis de dentro e de fora da comunidade universitária. Com apoio das instituições universitárias de Secretaria de Ações Afirmativas, Diversidade e Equidade (SAADE), da Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis (ProACE), do Sindicato dos Trabalhadores Técnico-Administrativos (SINTUFscar), da Reitoria e da Fundação de Apoio Institucional ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FAI), o GT Transformar<sup>6</sup> realizou no dia 27 de janeiro de 2023 a 1ª Feira da Visibilidade Trans e Travesti na UFSCar. A feira que ocupou o Teatro de Bolso do campus São Carlos viabilizou a exposição das produções e manifestações para, aproximadamente, 215 pessoas que participaram e assistiram às produções divididas em 6 partes: exposições fotográficas, poesias, exposições audiovisuais, declamações, dança e música.

5 Referimo-nos ao trabalho como professores de sociologia no Cursinho Pré-Vestibular da UFSCar.

6 Composto por estudantes, trabalhadoras e ex-membros da UFSCar em direção a espaços de acolhimento, levantamento de dados, debates e ações em torno de demandas e necessidades relacionadas à permanência estudantil, promoção da saúde integral e cumprimento de direitos da população local.



**Figura 1.** Parte do público que ocupou o Teatro de Bolso da UFSCar.

**Fonte:** acervo de imagens do GT Transformar.

Segundo Erick Gregner — membro do GT Transformar e um dos principais organizadores do evento —, a 1ª Feira da Visibilidade Trans e Travesti na UFSCar surgiu a partir das provocações e motivação de Angela Lopes (também encabeçadora do GT e, há anos, líder fundamental de diversas conquistas trans e travestis na cidade de São Carlos) para que construíssemos coletivamente um evento que, com alegria, conseguisse demarcar e comemorar a presença trans e travesti no espaço universitário. Além disso, Angela reconhecia de antemão que a celebração seria capaz de nos proporcionar mais encontros e articulações, levando em consideração o aumento (ainda que tímido) na presença de pessoas T nesse espaço em específico.

O evento foi nomeado “primeira feira” porque pretende-se que este movimento seja continuado e realizado periodicamente, levando adiante a abertura para outras festividades e subjetividades. O espaço em formato de feira possibilitou, enfim, a participação de pessoas com diferentes manifestações artísticas, culturais, laborais, culinárias, etc. Se antes as articulações aconteciam majoritariamente através de falas didáticas em mesas, debates, reuniões institucionais com panoramas históricos, científicos

e políticos para fundamentar nossas existências e denunciar um sistema que insiste em produzir marginalização e exclusões, desta vez o estímulo de mobilização centrou-se na construção desde o “espírito” compartilhado da festa, da celebração às nossas existências e potências criativas com a comunidade universitária e cidadã.



**Figura 2.** Quadros de Iago Marichi Costa (acima) e *prints* de Alice Agnes Selva (abaixo).

**Fonte:** acervo de imagens do GT Transformar.

A realização da Feira na UFSCar do campus São Carlos deu-se pela residência da maioria dos membros do GT Transformar neste município. Além disso, presenciamos hoje um momento no qual a gestão da universidade tem se mostrado mais ativa em realizar ações fundamentais para a recepção e permanência de pessoas trans e travestis no ambiente universitário, sem o qual muitas das conquistas não poderiam ser acessadas — como é o caso da campanha Transformação, que vem sendo desenvolvida pela mesma instituição em 2023.

Ainda segundo Gregner, a escolha do termo *trans* deu-se pela capacidade da palavra em abarcar uma pluralidade de identidades de gênero não-hegemônicas (transexuais, travestis, *não-binárias*, intersexo, etc.). Já o uso da palavra *travesti* deve-se ao reconhecimento histórico e a valorização dessa identidade fundamental para a conquista de direitos para nossas populações no Brasil, somado à dificuldade social na

naturalização e no uso da palavra travesti de modo não-pejorativo. Por fim, o mês de janeiro foi escolhido como o primeiro momento da Feira por nele ser comemorado o Dia Nacional da Visibilidade de Travestis e Transexuais<sup>7</sup>.

### **Das apresentações, exposições, trocas e afetos**

A maior parte das pessoas mencionou o fato de que a Feira transmitiu uma imensurável potência àqueles que participaram da organização, apresentação e, também, os que foram impactados por ela. Como nos lembra Alex Kreibich, mostrar o que temos produzido é uma oportunidade de criar laços e apoio que são caros à permanência estudantil. Ampliar aberturas e ciclos pessoais para o espaço do palco é também partilhar aquilo de político que reside em um individual que se faz, assim, em disseminação de um comum compartilhado (Ranciere, 2009):

Demorei tanto a me perceber. Externalizo para o mundo o que sou, abro o que é tão íntimo e sincero, vejo a banalização de minha identidade, vejo gente dizendo o que não é e gente que é permanecendo calado [...] agora sou, agora digo. Minha luta é constante, só eu sei o que grita em meu interior. O caminho é longo e começou desde que existi. Respeite seu tempo e o tempo dos outros, cada um em seu lugar de fala sem desmerecer o valor. Mas se aproprie de sua luta sem apropriar de outras que não são suas. Conheça o suficiente para respeitar e aprender e quem sabe ser... o que quiser<sup>8</sup>.

Não tenho grana pra ostentar ou o melhor celular. Não tenho o melhor corpo pra mostrar. Não tenho as melhores roupas pra usar. Não tenho quase nada do que se considera bom. Mas tenho um coração cheio que transborda, uma mente fértil que pensa (demais), e parece que até aqui isso foi suficiente. Não que eu nunca quis ter as outras coisas, já chorei muito por ser tão diferente do resto do mundo. Hoje apenas percebi que chorar e sofrer não vai mudar a percepção do mundo sobre mim. Talvez ele nunca mude. Aí eu aprendi a transformar dor em poesia, e que por trás de um menino quieto pode haver alegria. Isso tudo é sobre mim. Mas também é sobre nós, porque eu sei que a vida é coletiva, não é só sobre mim. Eu vou compartilhar um pouco do meu universo particular, só peço que tome muito cuidado para não se perder ao entrar<sup>9</sup>.

Quando abdicamos da condição de invisibilidade, insegurança e medo, ocupamos e permitimos aflorar em outros a expressão de segurança e autonomia que reside nos corpos. Com a experimentação musical de Elio da Matta como som ambiente, Erick Gregner

7 O evento deu-se dois dias antes de 29 de janeiro para que pudéssemos aproveitar o contexto do final de semana e a presença de mais pessoas no campus.

8 Texto declamado por Thais Octaviano.

9 Texto declamado por Marc Tristão.

convidava e encorajava diferentes membros da plateia a serem sujeitos de enunciação, leitores das poesias de autores trans — como Camila Sosa Villada, Miro Spinelli, Jota Mombaça e Preto Téo — que selecionou: o ato propôs-se como continuidade das leituras conjuntas que organizou entre outubro e novembro de 2022 na moradia da UFSCar.



**Figura 3** Adesivos e prints de Elio da Matta.

**Fonte:** acervo de imagens do GT Transformar.

Seguida das artes digitais de Bruno Torelli, Sofia Rodrigues viabilizou a mostra audiovisual do curta “Afetação”, cujo enredo valoriza o afeto e amizade entre travestis; posteriormente expôs-se em ato, harmonizou-se e permaneceu frente à imagem de luzes projetadas entre passado e presente em composição:

Processos simples, processos replicáveis, processos aplicáveis, processos multiplicáveis, processos construtivos. Como fazer arte e viver ao mesmo tempo? Como ser e estar sem se esquecer do que se foi? Já tive muitos peitos. Minha bike é o meu peito. Como posso recuperar antigos peitos? Quem eu sou? Tenho muito medo de errar, estou cansada de ter medo. Tenho que confiar mais em mim. Trabalhar o oriente, não duvidar. Primeiro a minha cura, depois curar o próximo. Sagrada travesti, sagrado divino... a cada dia eu percebo algo mais potente em mim, eu me amo, vou me curar, eu me amo. Por enquanto, estou num zoológico cheio de tontura

e náusea frenético. Eu, meu mundo. Estou sendo observada, confusa e atordoada. Louca. O outro, confronto. Transmutar no papel, escrita profética, expurgo, tranquilidade. Qual o impacto na biosfera que uma travesti tem? Porque me submeter a tudo isso? Pelo sonho? Quais meus sonhos e desejos? Como desvincular a lógica capitalista de algoritmos pensados para vender supostos sonhos? Como escapar das armadilhas? O cu é movimento. O que me move? O que o corpo herda? Porque sou uma obra de arte? O impossível é o possível invisível, é necessário fabular novos mundos, inaugurar novas possibilidades, imaginar outros mundos e outras formas, abrir os portões do impossível. Como escrever uma história impossível? Como resistir a aniquilação? Resistir sendo um corpo, destruir tudo porque apaziguar é impossível. Praticar o futuro em radicalidade espiralar, pensar a catástrofe como meio de vida. Sentido não como direção, mas como o que foi sentido. Sair das armadilhas pra poder usar as armadilhas. Sonhei que uma das minhas plantas morria, e no desespero de tentar descobrir quem havia esquecido de regá-la, uma briga começava entre meu pai e minha mãe. Ela, com as unhas compridas e coloridas, batia nele com tanta raiva que espirrava sangue pelas paredes, e a comoção que havia começado por causa de uma planta agora estava fora de controle. Isso foi um sonho mesmo? Ou só uma memória de diversas outras ocasiões? O Sol vai explodir. Já posso ver através de todos os espectros invisíveis de luz, opacidade e translucidez. Para abolir o pensamento colonial é necessário imaginar através das sombras. Lembrar sempre de esquecer.

Tudo é ficção, tudo é mentira. Tudo é ficção, tudo é mentira. Tudo é ficção, tudo é mentira. Tudo é ficção, tudo é mentira.

Imaginação e memória.

Tudo ficção, tudo mentira.

O possível está no escuro. Ver através das sombras e não da luz... como se tornar capaz de imaginar? Fechando os olhos para o visível, acessar o impossível. Como iluminar sem tornar visível? Imaginar no escuro de olhos fechados, transicionar para outras formas de ser. Nada é igual a nada, a imagem escapa a linguagem, só é preciso lembrar de trair a língua, fazer desentender-se. Preciso escrever mais, recuperar a escrita enquanto há tempo. Há quanto tempo que não escrevo? Há quanto tempo que não crio um poema? Há quanto tempo que me deixei de lado?





**Figura 4.** Imagem do curta “Afetação”<sup>10</sup>.

**Fonte:** Sofia Rodrigues.

O eco de coletividade entre várias vozes e declamações foi continuado por Agatha Rosa, pelas imagens de Lala, pelas fotografias de Noá Trevisan, pela música autoral de Gabriel Thomazini e as interpretações da banda Nomádica, pela dança da professora Allane Gavassa. Afinamos sentidos e emoções que dizem sobre um espontâneo por-*vir*, o qual Erick Gregner nomeia como uma capacidade de captar o que é fugaz, efêmero e nos movimenta: não de forma a congelar ou exigir coerência, mas como lembrança, como troca, como transporte que constrói um além-no-mundo. “Cada poesia, cada texto — verbal, verbo-visual, audiovisual — que tivemos é preciosidade que seguirá conosco. Estar aqui hoje remonta acontecimentos do passado e sonhos do futuro”. As provocações implodem:

Eu não sou nada além daquilo que criaram. Reajo de acordo com o que me foi dado. Tenho sede de mudança, e não é por rebeldia. É porque cansei das mesmas histórias e das mesmas fantasias. Quando olho à minha volta já nem sinto mais medo. Sinto tédio. Desanima viver nesse mundo tão óbvio, que é sempre pros mesmos que se aponta o dedo. Tenho sede de prosperidade pras minhas irmãs que assim como eu resistem a cada dia. Tenho sede de revolução e ela acontecerá. Não do jeito que você imagina. Vamos estar em todos os espaços, e já tô começando por essa rima. Tenho sede de beleza, de olhar pro mundo e me sentir bem. Tenho sede de esperança, de ao menos poder esperar alguma coisa. Tenho sede de vida, de sentir presença. Tenho sede de verdade! De acreditar no que vejo. Nem sei se vocês acreditam na vida que leva. Só sei que cansei... Cansei

10 A imagem exhibe Sofia Rodrigues (acima à esquerda), Gabe Teodoro (acima à direita), Maia Caos (abaixo à esquerda) e Andrógine Zago (abaixo à direita).

de esperar. Vocês andam muito devagar. Não temos todo esse tempo pra aguardar pra quem sabe um dia vocês notar que não queremos inclusão: queremos reparação! E não vem com esse papo de diversidade. Já disse: eu quero verdade! Quero acordar e ir aonde eu quiser. Quero transitar sem me preocupar se eu vou voltar, porque enquanto você tenta descobrir se eu sou menina ou menino eu busco por sobrevivência e dou os meus corres pra ter o mínimo. E o mínimo não me satisfaz... Eu quero mais! Quero ver a travesti professora, do lado delas os boyceta, as bicha empoderada e as NB com uma vida promissora. Porque estamos vivos! E isso não basta... Queremos urgente o pagamento das dívidas. Começamos por agora: olhe dentro de si. Quanto é que você nos deve? Quanto nos custa seu ego e seu monte de privilégio? Dói me ouvir falar assim? Dói ver as manas no topo? Pois saiba que isso é pouco! Porque além de ter competência a gente veio fazer história. Cansades da margem, agora estamos por cima. Só você que não se deu conta porque acha que sua hipocrisia é autoestima. Mas isso vai mudar, e já tá mudando. Diferente do que você pensa, ninguém aqui é triste. Triste é esse CIS-tema que faz o macho cis branco se achar melhor que todo mundo e que não tem nada a perder. Mas no fundo sabe que, se deixar na nossa mão, nós faz por merecer! Então, vem bicha! Vamos mostrar pra quê viemos. Ganhar voz num só grito e ser livre do jeito que a gente é. E com nós eles que nem se atreva, porque depois dessa acho que eles não vão criar problema!<sup>11</sup>

Cresce no asfalto a blasfêmia em pessoa. O concreto asfixia. O grito ressoa. Alguém que desafia. Uma trava leoa. Você acha que vai nos destruir. Mas a gente não perdoa.

Eu sou os trapos que você joga fora, tudo aquilo que você tanto demora em admitir, embora negue todo dia. Eu sou a cria de todas as degeneradas que você tentou aniquilar. Eu sou aquela que vai destruir teu lar.

Eu sou o grito aflito, mas que não foge mais de conflito algum. Eu sou aquela que constrói novos espaços para aqueles que não cabem mais em lugar nenhum.

Ponho em minhas palavras o poder de Deyse, que se fortaleçam todas as bixas, as saps e todes nbabys.

Que as pretas, as gordas e as aleijadas construam novos caminhos.

Que as vaginas masculinas, as cabeças neurodivergentes e os corpos assexuais desmantelem todas as fronteiras.

Que fertilizem-se as terras indígenas roubadas e os corpos dissidentes.

As sementes do caos espalhadas pelo mundo, a destruição de tudo aquilo que você conhece para construção de todes aqueles que você sempre renegou.

Que nenhum corpo tenha mais que se adequar a algum padrão, que nenhum discurso torto se faça disfarçado de opinião, que momento algum

---

11 Poesia de Saimon Saturno apresentada na Feira.

se viva sem teto ou sem chão, e que a morte de ninguém tenha sido em vão.

Marielle, Matheusa, Dandara, e todas as outras corpos que denunciaram esse sistema genocida, presentes! Que degenerem-se os espaços, que enegreçam-se os saberes, que libertem-se os laços que proíbem os prazeres.<sup>12</sup>

Também os choques musicais de Cavallona Peçonhenta (projeto musical de Yuri Bataglia Espósito, artista transmídia e escritora de São Carlos) experimentaram formas, tons e temas pouco usuais, incorporando críticas políticas desenvolvidas em sua formação como cientista social que rasgam as contradições regentes.

Que nossas universidades sejam contaminadas pela energia de Exu, de Oxalá e todos os outros orixás. Que acabemos com o sucateamento, com esse pensamento avarento e com o cerceamento do conhecimento. Que a única coroa erguida sejam os cabelos crespos, pois nenhuma monarquia, ou ninguém, se erguerá acima do povo. Que a liberdade seja uma experiência universal, e não uma promessa banal de um regime neopentecostal.

Bixarte no meu texto, Vita Pereira na minha voz e com Ventura Profana me guiando, cês não vão mais calar nenhuma de nós. Que as mulheres, de pau, de buceta, ou quais outras configurações anatômicas, sejam livres de qualquer vestimenta, mas que o turbante e o hijab sejam libertos de todo preconceito.

Que o amar seja livre, sem regras, entre duas ou mais pessoas consentindo, mas que a cisheteronormatividade, a monogamia ou nenhuma outra estrutura de poder determine o amor, o sexo ou a falta deles.

Que povo algum viva fora de sua terra. Mas que terra nenhuma seja do povo. Que a Mãe Terra seja venerada e resguardada. Síria, Palestina, Pataxó, Guarani, Quilombolas e todas as outras nações ou povos indígenas sejam respeitadas.

Já cansei de migalhas: reparação é ínfimo, e por todas as batalhas, retaliação é o mínimo. Eu decreto aqui e agora a construção de templos para devoção do sagrado destrutivo. A Igreja Internacionalista Profanática da Nossa Travesti des Depravades. E rogo: são os novos tempos. Então se prepara.

Porque nós somos o evangelho do fim.<sup>13</sup>

12 Proclamação de Amônia Demônia.

13 Fala de Amônia Demônia.

### Considerações finais

Atravessados pelo apoio institucional, pela vontade de potência e o desejo de seguir em frente, ocupamos o Teatro de Bolso. Enriquecemos nosso modo de ser, de olhar. O acesso ao ensino superior é um modo de permitir a capacitação de sujeitos enquanto produtores de conhecimento. É a demarcação da possibilidade de legitimar epistemologias e metodologias construídas por nós. A troca com a universidade e seu espaço tem representado, enfim, a possibilidade de integração, amplitude e mudança de pessoas que estiveram sempre delegadas à posição de um não-ser.

A UFSCar e toda comunidade que nela se apoia (ex-membros e demais colegas do município de São Carlos) caminha, assim, à contramão das estruturas de exclusão e estigmatização que tanto conhecemos. Agradecemos a cada desafio superado pela organização do evento, a cada membro do GT Transformar, a cada troca, a cada encontro. Fizemos em alegria, reflexão e críticas a mais relevante mobilização trans e travesti acontecida na cidade de São Carlos até hoje. Encerramos parafraseando Erick Gregner: “o hoje é, para nós, despedida e também encontro. Agradecemos a cada pessoa que aqui está pela ousadia de ser, explorando criatividades. N presente! Que criar no hoje é uma forma de estender a memória dos que já foram. Estamos aqui. Sigamos”.

### Referências

Leite Jr, Jorge (2021). Prefácio. In D. M. Santos (ed.), *O desejo pelas travestis brasileiras: do cinema da boca do lixo à pornografia digital* (pp. 11-17). Rio de Janeiro: Ape’Ku.

Rancièrè, Jacques (2009). *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo: Editora 34.

Recebido em 28 de fevereiro de 2023.

Aceito em 24 de julho de 2023.

## Relato sobre a 1ª Feira da Visibilidade Trans e Travesti na UFSCar

### **Resumo**

Nosso empenho conjunto voltou-se para apresentação de um relato sobre a organização, acontecimento e resultados da 1ª Feira da Visibilidade Trans e Travesti na UFSCar, evento realizado pelo GT Transformar com apoio institucional da universidade, sediado no Teatro de Bolso, onde reuniram-se membros da comunidade universitária e demais pessoas residentes na cidade de São Carlos. Nossas considerações se realizam tanto a partir de uma documentação desde a memória, como também traz figuras, poesias e relatos oriundos deste acontecimento. Como resultado, a mobilização em torno da feira se mostrou profícua e fundamental para a continuidade da permanência de estudantes trans na universidade, bem como eficiente instrumento de criação de laços, estratégias de sobrevivência e afetos entre a comunidade trans.

**Palavras-chave:** visibilidade trans e travesti; artes trans; transexualidade.

## Report about the 1st Trans and Transvestite Visibility Fair at UFSCar

### **Abstract**

Our efforts aimed to present a report about the organization, development and results of the 1st Trans and Travesti Visibility Fair at UFSCar, an event holded by GT Transformar with the institutional support from the university. Located at Teatro de Bolso, it brought together members of the university community as well as other people that live in the city of São Carlos. Our considerations are carried out both from a documentation from our memories and also brings figures, poetry and other participants' reports from this event. As a result, the Fair mobilization proved to be fruitful and fundamental for the continuity of the permanence of trans students in the university, as well as an efficient instrument for creating bonds, survival strategies and affections among the trans community.

**Keywords:** trans and transvestite visibility; trans arts; transsexuality.